

Do ceticismo à consolidação: a TV na Bahia

Notas sobre a primeira década de televisão em Salvador

Ana Cristina SPANNENBERG¹

Joana Maltez de ARAGÃO²

Juliana Cíntia Ferreira de MENEZES³

Lourivânia Soares SANTOS⁴

Resumo: O presente artigo apresenta brevemente registros do processo de implantação da televisão em Salvador/BA, sobretudo a primeira década, marcada pela atuação das emissoras TV Itapoan, afiliada dos Diários Associados e da TV Aratu, afiliada da TV Globo. Construído a partir de registros históricos, notícias publicadas em periódicos e depoimentos de pessoas que vivenciaram o período, o texto apresenta um panorama da cidade de Salvador no momento do surgimento do veículo, bem como descreve o *modus operandi* deste em seus primei-

1 Jornalista, Mestre em Comunicação e Culturas Contemporâneas (UFBA/2004), Doutora em Sociologia (UFBA/2009) e professora adjunta do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: anaspann@gmail.com

2 Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo pela Faculdade Social da Bahia (FSBA/2006), e Especialista em Gestão da Comunicação Organizacional Integrada (UFBA/2009). E-mail: maltezoana@yahoo.com.br

3 Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo pela Faculdade Social da Bahia (FSBA/2006), Licenciada em Letras Vernáculas, Especialista em Estudos Literários, professora adjunta do Curso de Língua Portuguesa - Habilitação em Línguas Modernas da University College Dublin, professora do Curso de Língua Portuguesa - Habilitação em Línguas Modernas da National University of Ireland, Maynooth, professora dos cursos de Português, Literatura e Cultura Brasileira - Portuguese Language Centre - Irlanda. Email: julianamenezes@hotmail.com

4 Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo pela Faculdade Social da Bahia (FSBA/2006), Mestre em Cultura e Sociedade (UFBA/2011). E-mail: lourivania@yahoo.com.br

ros anos e sua relação com o público soteropolitano. Tal pesquisa histórica foi desenvolvida pelas autoras para a produção do livro-reportagem “A Caixa Mágica – Um resgate da História da TV em Salvador”, apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso.

Palavras-Chave: televisão, Salvador/BA, implantação, TV Itapoan, TV Aratu.

Resumen: Este artículo presenta un breve registro sobre la implantación de la televisión en Salvador / BA, especialmente en la primera década, marcada por el desempeño de las estaciones de TV Itapoan, afiliada del Diários Associados y Aratu, una filial de TV Globo. Construido a partir de registros históricos, relatos publicados en revistas y testimonios de personas que vivieron la época, el texto presenta un panorama de la ciudad de Salvador en el momento de la aparición del medio de comunicación, así como describe el *modus operandi* de ésta en sus primeros años y su relación con el público de la ciudad. Este estudio histórico se desarrolló para la elaboración del reportaje de “La Caja Mágica - Un rescate de la historia de la televisión en El Salvador”, presentado como trabajo de final de curso.

Palabras Clave: TV, Salvador / BA, implantación, Itapoan TV, TV por Aratu.

A televisão iniciou suas atividades no Brasil em setembro de 1950, pelas mãos de Assis Chateaubriand. Ainda de modo precário, a população de São Paulo pôde assistir em aparelhos espalhados por pontos estratégicos da cidade às primeiras imagens daquele veículo que revolucionaria a comunicação no século XX. A primeira capital do Brasil, entretanto, só conheceu essa tecnologia dez anos depois e, após anúncios e promessas que deixaram a população duvidosa sobre sua concretização. A TV Itapoan começou a operar em Salvador/BA em 19 de novembro de 1960.

Os anos iniciais de televisão na Bahia, seguindo um caminho já trilhado nos grandes centros, como São Paulo e Rio de Janeiro, foram de amadorismo e adaptações. Os processos produtivos ainda muito rudimentares geravam diversas críticas e resultaram em uma peculiar relação com seus telespectadores.

O presente artigo pretende relatar de modo breve a primeira década de televisão em Salvador/BA. Nele, discutiremos os antecedentes e o contexto no qual o veículo foi criado em uma cidade que se expandia e se modernizava. Discutiremos, ainda, a programação inicial, assim como o impacto que sua implantação trouxe sobre o público soteropolitano. As informações apresentadas foram obtidas tanto em jornais e documentos da época, quanto a partir de depoimentos de pessoas que vivenciaram esse momento, seja como profissionais e técnicos do novo veículo ou como telespectadores. Os depoimentos apresentados foram coletados para a produção do livro -reportagem “A caixa Mágica – Um resgate da História da TV em Salvador”, apresentado pelas autoras Joana Maltez Aragão, Juliana Cíntia Ferreira de Menezes e Lourivânia Soares Santos como Trabalho de Conclusão ao Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Faculdade Social da Bahia, em 2006, sob orientação da Prof. Dra. Ana Cristina Spannenberg. A obra não foi publicada, configurando conteúdo inédito ao grande público.

Espera pela TV

Salvador alcança a primeira metade do século XX imersa em diversas mudanças. A população que, no Senso de 1920 somava pouco mais de 280 mil habitantes, sobe em 1950 para 417.235 habitantes (IBGE, 2009). O crescimento decorre, possivelmente, da inversão do fluxo migratório que, nas primeiras décadas do século, foi de saída em direção aos estados do sudeste e, nesse momento, assume direção oposta, alterando o cenário urbano da cidade e seu entorno.

A economia foi um dos fatores decisivos. Após a prosperidade vivida durante o período colonial, Salvador amargou um longo declínio econômico decorrente do fim do ciclo da cana-de-açúcar, mas também da resistência à modernização industrial, política e cultural vivida pelos estados do Centro-Sul (cf. SPANNENBERG, 2009, p.101ss). O cenário começa a se alterar a partir da descoberta de petróleo em terras baianas, em 1939, que originou a Empresa de Petróleo Brasileiro (Petrobrás), implantada em 1953, e fez da Bahia o único estado produtor do combustível nas décadas de 1950 e 1960. Também influenciaram a criação da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), em 1959, que

atraiu novas indústrias oferecendo benefícios fiscais; e a inauguração da rodovia Rio-Bahia, na década de 1960, facilitando as trocas comerciais entre Salvador e os estados do Sudeste (FARIA, 1980, p.35-36).

Culturalmente, a grande novidade foi a implantação da Universidade da Bahia, em 1946, que, dois anos depois da criação, sofreu um processo de federalização. A industrialização e a produção de petróleo ajudaram na retomada do prestígio baiano no cenário político nacional, com a nomeação de diversos atores a cargos nacionais, como os ministérios da Educação e Saúde. Desse movimento decorreu a necessidade de formar quadros profissionais para representar a Bahia e ocupar funções decisórias na nascente indústria. Assim, surge a Universidade da Bahia, que reuniu diversas faculdades autônomas já existentes, como Medicina, Filosofia, Direito e Ciências Econômicas, além das Escolas de Odontologia, Farmácia e Politécnica (cf. ARAGÃO, 1999, p.44-47).

Apesar desses movimentos, socialmente a capital da Bahia ainda vivia um cenário de estagnação. “A estrutura social permanecia quase intacta e apontava para a permanência de uma mentalidade que perpetuava o sistema escravocrata, apesar dele já haver sido extinto havia décadas” (SPANNENBERG, 2009, p.101). Dados sobre a educação formal reforçam esse pensamento. Em 1950, 68,8% dos mais de 360 mil habitantes de Salvador declaravam saber ler e escrever, enquanto no Estado todo esse percentual atingia apenas 27,2% dos mais de 4 milhões de habitantes (IBGE, 2009).

Entre os meios de comunicação, havia a polaridade jornal impresso e rádio. Os primeiros, embora vivessem um momento de gradual e lenta modificação, ainda eram prioritariamente voltados a temas políticos, utilizavam linguagem rebuscada e visavam atingir um público composto basicamente da elite soteropolitana (cf. SPANNENBERG, 2009). Já as rádios, que haviam se instalado em Salvador a partir de 1924, viviam o auge de sua popularidade. A pioneira foi a Rádio Sociedade da Bahia; vinte anos depois, em 1944, instalou-se a Rádio Excelsior e, em 1950, a Rádio Cultura da Bahia. O veículo marcava o cotidiano da população e, inclusive, alterava a rotina produtiva dos jornais impressos (cf. RIBEIRO, 2004, p.267).

Os jovens, cansados das distrações de bares, cinemas e partidas de futebol, lotavam os estúdios da

Rádio Sociedade da Bahia, na rua Carlos Gomes, para assistir aos shows. O rock despontava nos Estados Unidos e já estava prestes a conquistar também o público jovem baiano. Dezenas de pessoas acompanharam as competições de cantores desconhecidos, como Raul Seixas, que ainda pretendia ter suas músicas tocadas nas rádios da cidade.

.....

Além de diversão, o rádio fazia circular pela cidade as informações locais e nacionais. Os jornalistas do impresso ficavam atentos às notícias divulgadas pelas emissoras de rádio e, muitas vezes, corriam para escrever uma matéria sobre o assunto. Quem não tinha rádio, podia contar com a “retransmissão” de carros de alto-falantes. Encostava-se o microfone no radinho do carro e difundia-se o que se noticiava na Sociedade, Excelsior, Rádio Nacional e todas as outras que surgissem. (ARAGÃO, MENEZES E SANTOS, 2006, p.30-31)

É nesse cenário que se começa a discutir a implantação da televisão na Bahia. A iniciativa, como na primeira emissora do país, vinha do jornalista e empresário Assis Chateaubriand, cuja rede dos *Diários Associados* estava consolidada em Salvador com dois jornais impressos (*Diário de Notícias* e *Estado da Bahia*) e uma emissora de rádio (*Sociedade da Bahia*).

Em 18 de outubro de 1956, o *Estado da Bahia* trazia entre uma das suas matérias o título: “O próprio povo constituirá o patrimônio da sua televisão”. Tratava-se do lançamento oficial das ações da televisão Itapoan, a primeira do estado. Durante a cerimônia, o governador Antonio Balbino falou sobre as perspectivas de progresso da Bahia, sobre a importância da instalação da emissora e elogiou Chateaubriand:

Quando veio aquela notícia aqui, emprestei de logo como governador do Estado, o meu integral apoio; disse que desejava, apenas, que o senador Assis Chateaubriand, esse dinâmico renovador, e criador que ele acelerasse o seu natural dinamismo para que, dentro do mais breve prazo [sic] possível, a cidade do Salvador tivesse a sua televisão” (O PROPRIO, 1956)

Menos de dois meses depois, nos dias 08 e 09 de dezembro, os soteropolitanos foram apresentados

à maravilha tecnológica da televisão. A *Rádio Sociedade*, em conjunto com as empresas Panamérica, Rebratel e Philips, espalharam aparelhos de televisão por diversos pontos da cidade, promovendo um espetáculo que atraiu centenas de pessoas. Na programação do primeiro dia, 08 de dezembro, a transmissão da missa matutina diretamente da igreja Nossa Senhora da Conceição da Praia, durante os festejos de comemoração à santa, foi o destaque. “No dia seguinte, logo à tardezinha, outras centenas de pessoas se dirigiram para a Praça da Sé, Viaduto, Ajuda e pontos vizinhos de onde puderam assistir ao canto do Hino Nacional” (ARAGÃO, MENEZES E SANTOS, 2006, p. 34). O experimento, contudo, só serviu para reforçar ainda mais a ansiedade da população diante do anúncio de que a TV não tardaria em chegar à Bahia.

A inauguração da televisão Itapoan, no entanto, só iria acontecer no dia 19 de novembro de 1960. De tanto esperar pela novidade, sem nunca vê-la concretizada, a chegada da televisão foi motivo de piada e de ironia. Os versos criados pelo Trio Nordestino para festejar a tão esperada TV, são um exemplo disso: “Na Bahia tem / inaugurou, já tem / a televisão de baiano / não é janela de trem” (CASTRO, 2002, p. 5). Os quatro anos de espera, além de chistes, geraram expectativa em profissionais que vislumbravam no novo veículo uma oportunidade e no público, que não sabia exatamente o que iria encontrar.

Radialistas e técnicos que atuavam na *Rádio Sociedade da Bahia* sonhavam com a possibilidade de trabalhar na televisão que estava sendo montada pelo mesmo grupo de comunicação, mas foram surpreendidos pela proibição de participar da seleção.

Aquilo gerou um reboliço pelos corredores da emissora entre os profissionais, ávidos pela possibilidade de ganhar um dinheiro extra e de fazer parte de uma nova fase da comunicação baiana. O que se questionava era como os experientes profissionais da rádio, que lidavam bem com a locução e com o improviso exigido pela precariedade técnica e pela relação com o público, não poderiam também iniciar carreira na TV? Mas não teve jeito, o recado era claro e os radialistas tiveram de assistir de longe a convocação de pretendentes para o novo meio. (ARAGÃO, MENEZES E SANTOS, 2006, p.19)

Algum tempo depois, a medida precisou ser revogada, em função da falta de profissionais qualificados no mercado baiano. “A incompetência de alguns vencia a intransigência e a TV passaria a ‘roubar’ alguns profissionais das emissoras radiofônicas, voltando atrás na decisão anterior”, relatam Aragão, Menezes e Santos (2006, p.42). Foi o que aconteceu, por exemplo, com o jovem José Jorge Randam⁵, que começou anunciando produtos no serviço de alto faltante da Baixa dos Sapateiros, como é conhecida a Avenida José Joaquim Seabra, local de comércio popular em Salvador e, na época dos testes, era radio-ator da Rádio Cultura. Mas o novo veículo também abriu espaço para jovens inexperientes, como Carlos Alberto Santiago⁶ que, desde os 17 anos, acompanhou toda a montagem da TV Itapoan.

O público também teve suas expectativas frustradas. O descrédito gerado pelo atraso na implantação e a falta de aparelhos receptores, precisaram ser combatidos com uma intensa campanha realizada através dos veículos de comunicação dos Diários Associados.

A demora na chegada da TV foi maior que a esperada. Pouco se sabia sobre ela. Os aparelhos eram mais caros que uma geladeira e a política do financiamento da TV passou a ser constante. Muita gente desconhecia quem era dono de um receptor e pouca gente acompanhava as notícias sobre a implantação do veículo. Era preciso espalhar a novidade, para que a TV, entrando no ar, já pudesse ter público garantido e os anunciantes se sentissem atraídos para divulgar seus produtos em linguagem audiovisual. (ARAGÃO, MENEZES E SANTOS, 2006, p.19)

5 O publicitário e editor José Jorge Randam começou a trabalhar com comunicação no início dos anos 1950, atuando nas rádios Cultura, Excelsior e Sociedade. “Conhecido como a primeira imagem da TV baiana, é uma das pessoas que marcaram a primeira fase da TV Itapoan” (ARAGÃO, MENEZES E SANTOS, 2006, p.118).

6 Santiago foi o primeiro operador de VT da televisão baiana. Ingressou na TV Itapoan aos 17 anos, durante sua implantação, e permanece até hoje como Supervisor Técnico. “Sua experiência advém da prática cotidiana, participou desde o processo de montagem do aparato técnico da emissora, trabalhou no dia-a-dia para colocar a programação no ar. Acompanhou a fase de corte e colagem dos filmes, quando os caracteres ainda eram gerados artesanalmente a partir de rolos de papel, até as inovações tecnológicas surgidas ao longo das quatro décadas” (ARAGÃO, MENEZES E SANTOS, 2006, p.118).

Nos jornais do grupo, os anúncios referentes à novidade tomavam espaço e buscavam atrair com apelos: “Veja o mundo em seu lar pela televisão”; “Você vai ser um dos primeiros a adquirir seu televisor” ou “O que é que a Bahia já tem? Televisores Philco para a sua diversão” (ANUNCIO, 1960). Como os preços dos aparelhos limitavam os possíveis compradores, os jornais precisavam ser enfáticos na sua argumentação. Meses antes da inauguração, já era possível encontrar anúncios como:

Toda a Bahia dirá: valeu a pena esperar pela TV Itapoan, a mais avançada em técnica para a melhor imagem do Brasil! A 19 de novembro próximo, será inaugurada com grandes festas e magnífica programação de 12 dias, a sua TELEVISÃO ITAPOAN. Compre seu receptor, imediatamente, para captar as transmissões de fase experimental desde logo e ter em sua casa a TV ITAPOAN (ANUNCIO, 1960).

Diante das inúmeras críticas que as Emissoras Associadas estavam sofrendo em razão da demora na inauguração da TV, o seu diretor, Odorico Tavares, relatou na sua coluna do *Diário de Notícias*, no dia 04 de novembro de 1960, a trajetória bem sucedida de três anos de trabalho e que nem sempre foi compreendida pelo público. Tavares informou também que o investimento na emissora havia sido de Cr\$80 milhões e ainda exaltou o patriotismo ao falar que a Bahia era poderosa e podia fazer tudo, inclusive uma emissora “moderníssima” (CARVALHO, 1989, p.08-09).

Alguns dias antes da festa, outra alternativa para que as pessoas conhecessem a TV e os anunciantes se sentissem encorajados a investir no veículo foi fazer um programa ao vivo. Por causa disso, foram disponibilizados alguns aparelhos de TV em pontos estratégicos da cidade, a fim de despertar a atenção das pessoas e prepará-las para a novidade (CARVALHO, 1989, p. 06). “Os televisores foram instalados na Ajuda, em frente à Rua Chile, no Belvedere da Sé e outros”, relatam Aragão, Menezes e Santos (2006, p.35).

Por fim, além dos anúncios da venda de aparelhos e das demonstrações experimentais, outro recurso foi a organização de uma festa de inauguração ampla e aberta ao público. O convite também chegava pelos jornais: “Para as solenidades da inauguração da TV Itapoan,

no dia 19 do corrente, às 17 horas, não haverá convites especiais, pois é uma festa do povo bahiano” (apud ARAGÃO, MENEZES E SANTOS, 2006, p.35).

Primeiras operações

“A Bahia inaugura hoje a TV Itapoan”. A manchete do *Diário de Notícias* estampava a alegria e a expectativa que a festa da emissora estava causando na cidade. Finalmente, às 17 horas do dia 19 de novembro de 1960, cerca de 80 personalidades políticas e da alta sociedade se dirigiram à rua Ferreira Santos, número 5, no Bairro da Federação para celebrar o momento marcante para Salvador (O BRASIL INTEIRO, 1975, p.03).

Nomes consagrados na política e na sociedade local fizeram parte da solenidade de inauguração como o então governador do Estado, Juracy Magalhães; o prefeito de Salvador, Heitor Dias; o padrinho da emissora escolhido pelo próprio Chateaubriand, Inácio Tosta Filho; o primeiro presidente da emissora; Pedro Ribeiro, dentre outros. Artistas do rádio nacional como Hebe Camargo, Ziul Matos, Carlos Frias e Homero Silva também marcaram presença (O BRASIL INTEIRO, 1975, p. 03).

Os preparativos para a inauguração da emissora foram cercados de minúcias, pois dias antes a TV Rádio Clube de Pernambuco, também dos Diários Associados, foi surpreendida pela queima dos aparatos técnicos. Por isso, todos os equipamentos da Itapoan foram testados e deixados ligados durante toda a noite anterior para que nada acontecesse de surpresa e estragasse a festa. Apesar disso, nos momentos da bênção do Cardeal Augusto Álvaro da Silva faltou energia nos estúdios da emissora interrompendo a cerimônia por 20 minutos, como relata Carlos Santiago, na época membro da equipe técnica (2006).

Além da saudação e da mensagem de “incentivo à divulgação dos princípios sadios da formação cristã” do religioso, a noite foi marcada por discursos como os de Pedro Ribeiro, de Odorico Tavares e de Francisco de Paula Azevedo Neto, escolhido por Assis Chateaubriand para ler a sua mensagem à Bahia. Acometido de uma doença, ele não pôde comparecer ao evento (TV ITAPOAN: PRESENÇA DIÁRIA, 1975, p. 01). Após a solenidade, o governador Juracy Magalhães ofereceu um banquete no Palácio da Aclamação a um “seleto grupo de convidados”, dentre os quais o ex-governador Anto-

nio Balbino (cf. ARAGÃO, MENEZES E SANTOS, 2006, p.37).

A primeira transmissão externa aconteceu no dia seguinte, 20 de novembro, numa missa realizada na Igreja do Bonfim. O futebol também ganhou espaço desde o início, logo nos primeiros dias após a inauguração foi transmitido o clássico Bahia X Vitória (CARVALHO, 1989, p. 12-15). Nos dias seguintes, a novidade da televisão continuou a alimentar os boatos pelas cidades e as colunas dos jornais.

Contudo, o pequeno número de aparelhos receptores fez com que a chegada da televisão não causasse tanto impacto de público quanto o esperado e a campanha de divulgação precisou continuar através dos veículos do grupo. Com a falta de telespectadores, também faltavam anunciantes e a TV Itapoan buscou estratégias para atrair a atenção do receptor. Após alguns meses de funcionamento da emissora, foi ao ar aquele que, durante anos, esteve no topo do ranking de audiência na cidade: o programa de calouros *Céu ou Inferno*, revelando nomes como Gilberto Gil e a dupla Cynara e Cybele, que depois integrou o Quarteto em Cy.

Quem acompanhava tudo de casa, achava uma grande diversão. As pessoas riam à beça de um anão que fazia parte dos quadros, cuja função era espetar com seu tridente e mandar para o inferno o calouro que ia mal na apresentação. E muita gente enchia os olhos ao ver uma linda moça acompanhar o calouro que tinha se saído melhor, que era levado até uma confortável poltroninha, onde ele se deliciaria com um guaraná da Fratelli Vita, requisitada bebida dos anos 60. (ARAGÃO, MENEZES E SANTOS, 2006, p.44)

Também foram destaque desta época programas como *Escada para o Sucesso*, com apresentação de show de calouros, infantis como *Bichos e Bruxas*, que tinha o cenário produzido com galhos das árvores tirados da vizinhança, e os teleteatros. Somente com a chegada do VT, ainda nos anos 60, foi possível a exibição de desenhos animados e outras produções prontas enviados pela TV Tupi (CARVALHO, 1989, p. 17-31). A programação, no primeiro ano de transmissões, ia ao ar entre sete e dez horas da noite, quando aqueles que não podiam assistir em casa, dirigiam-se até a sede da TV Itapoan, no bairro

da Federação, e acompanhavam tudo em um aparelho receptor instalado na porta da emissora, com acesso ao público.

Aos poucos a audiência foi se consolidando e a TV se transformando “[...] em um objeto de adoração, que reuniu numerosos grupos de telespectadores”, relatam Aragão, Menezes e Santos (2006, p.43). O fenômeno, conhecido como “televizinhos”, reunia em torno do aparelho todos aqueles que não conseguiam ter o seu próprio receptor. Por isso, apesar de ser considerada elitista, a primeira fase da programação era difundida para muitos, já que uma televisão reunia pelo menos 30 pessoas ao redor. “Não importava que tipo de briga separasse os vizinhos, pois todos se reuniam na casa mais próxima, que tivesse um aparelho e assistiam a tudo, desde os programas raros até os mais comuns” (TV ITAPOAN: PRESENÇA DIÁRIA, 1975, p. 01). Outro jornal de 1968 brinca no título da matéria para falar da situação: “Televisor: aparelho que prende em casa o dono e os vizinhos mais próximos”.

Os vizinhos, muitas vezes, acotovelavam-se nas janelas para conseguir assistir à programação, enquanto alguns cobravam ingressos àqueles que queriam acompanhar o espetáculo confortavelmente instalados dentro das casas. “Até mesmo os bairros mais pobres da capital tinham pelo menos um aparelho de televisão. Mesmo quando encontravam as portas fechadas, os desafortunados achavam logo uma fresta na porta ou nas janelas e davam um jeito de se acomodar” (ARAGÃO, MENEZES E SANTOS, 2006, p.45). Pouco depois, acredita-se que a situação tenha se modificado com as promoções para a compra de aparelhos na cidade, o que fez com que o número dobrasse nos primeiros cinco anos.

Com o aumento de televisores em Salvador a população passou a acompanhar assiduamente a programação da TV Itapoan. No final da tarde, as ruas do comércio se esvaziavam, enquanto as pessoas buscavam os aparelhos disponíveis para assistir às telenovelas. A primeira a ser transmitida na Bahia foi “A moça que veio de longe”, com Rosamaria Murtinho e Hélio Souto.

Os telespectadores só se dispersavam mesmo quando ouviam a voz grave de Dorival Caymi, entoando “Boi, boi, boi / boi da cara preta / pega essa menina / que tem medo de careta”. Era com essa música, que ninava muita criança, que a Itapoan encer-

rava sua programação [...] (ARAGÃO, MENEZES E SANTOS, 2006, p.45)

Da arte à inovação técnica

O início da televisão baiana foi, assim, marcado pela inteligência e criatividade dos funcionários, tanto nos programas de auditório, recitais, novelas ao vivo e programas infantis, pois os recursos tecnológicos eram rudimentares. O telejornalismo demarcou seu lugar logo no início das atividades. O jornalista Francisco Aguiar⁷ recorda que os primeiros telejornais da emissora foram o *Repórter Esso* e o *Telejornal*. O primeiro, que ia ao ar às 20 horas, era financiado pela companhia de petróleo Esso e o segundo, que ia ao ar às 22h30, era patrocinado pela Petrobrás (AGUIAR, 2006).

A produção de matérias era um processo totalmente artesanal, pois o repórter acompanhava os cinegrafistas e levava os dados escritos à mão, para que, na redação, se enquadrasse o filme com o texto, relembra Aguiar (2006). As imagens eram feitas em filme 16mm e, depois, eles eram revelados e colados uns nos outros. Não existia ilha de edição e, por isso, muitas vezes por não ter como editar, o repórter lia o *off* no ouvido do cinegrafista que acompanhava unindo as imagens com o que ele estava editando (SANTANGELLI, 2006).

As equipes não possuíam muitos recursos, saíam para a rua para fazer as matérias e as imagens e, depois de chegar à emissora, cortavam o filme. Os recursos humanos também eram escassos. “Para fazer os telejornais entrarem no ar, a Itapoan só tinha um repórter pela manhã e um pela tarde. Quando saíam, levavam umas sete, oito ou até dez pautas” (ARAGÃO, MENEZES E SANTOS, 2006, p.51). Às vezes, pelo pouco tempo que sobrava, as imagens iam para o ar sendo cobertas pela voz do repórter. As falas das fontes também eram repetidas pelo repórter.

Esse processo gerou histórias divertidas que marcaram o período, como a transmissão do casamento da Miss Brasil Marta Rocha, na Igreja de São Bento, no mesmo dia do evento. Aragão, Menezes e Santos (2006)

⁷ Francisco Aguiar “foi o primeiro chefe de telejornalismo da TV baiana, a TV Itapoan, atendendo ao convite de Odorico Tavares, presidente dos Diários e Emissoras Associadas na Bahia, e de Paulo Nacif. Com a equipe da TV Tupi aprendeu técnicas de manuseio dos primeiros filmes utilizados na TV e como adaptar o texto à imagem” (ARAGÃO, MENEZES E SANTOS, 2006, p.116). Atuou em televisão até os anos 1970 e, depois, migrou para os jornais impressos.

relatam que a transmissão ocorreu na mesma data, como divulgado pela emissora, porém com duas horas de atraso.

Enquanto Marta Rocha caminhava lentamente para os braços de seu futuro marido, os três cinegrafistas pareciam participar de uma prova de corrida de revezamento. Gravavam uma cena, corriam, passavam o filme para o colega, que dirigia ‘voando’ para a TV, entregava o filme para a revelação e depois outros secavam. Era então que entrava em cena um profissional importante, o colador. A sua tarefa era emendar os filmes com a tecnologia barata, mas indispensável, o durex. Depois entregavam o material na redação e o jornalista ia escrevendo a matéria enquanto não chegava o próximo rolo de filme com mais uma pedaço do casamento. (ARAGÃO, MENEZES E SANTOS, 2006, p.48)

Além da transmissão de notícias locais, recebia-se também material de agências de outros Estados, internacionais – como a *United Press International* (UPI) –, e de embaixadas. Muitas vezes, os filmetes chegavam em inglês, língua que ninguém na redação dominava. Então se fazia uma tradução próxima da realidade e de acordo com o tempo do determinado filme, recorda Carlos Libório (2006)⁸. Quando não havia imagens correspondentes às notícias, utilizavam-se trechos de filmes pelos quais era possível fazer uma analogia com o assunto.

Os filmetes eram a alternativa para exibição de materiais produzidos em outros locais antes da utilização de videotape e das transmissões via satélite. Geralmente feitos nas emissoras de São Paulo, chegavam aos outros locais de avião, com dias de atraso em relação à exibição original. Em Salvador, o recebimento dos rolos no aeroporto Dois de Julho “era mais uma tarefa dos jornalistas que se esforçavam para alimentar os primeiros telejornais da Bahia [...] No primeiro ano da TV na Bahia, era uma verdadeira ginástica para fazer o telejornal chegar prontinho até a casa do telespectador [...]” (ARAGÃO, MENEZES E SANTOS, 2006, p.48).

8 Carlos Libório chegou à TV Itapoan dois anos depois da inauguração, mas dividia suas atividades entre TV, rádio e impressos. “Sempre no cargo de redator nos locais onde trabalhava, foi responsável pelo noticiário internacional de um dos mais notáveis telejornais já existentes, o *Repórter Esso*” (ARAGÃO, MENEZES E SANTOS, 2006, p.116). Desde a inauguração da TV Bahia, em 1985, está vinculado à emissora.

Foi um período de grandes dificuldades, como as falhas do sistema de telefonia para checar as informações, a falta de papel, ou mesmo as dificuldades de conseguir fonte e de colocar a matéria no ar. Mas era uma época que os repórteres se realizavam interiormente pelo trabalho que efetuavam, por conseguir superar os obstáculos, relata o repórter Ivan Pedro Santangelli (2006)⁹.

A falta de estrutura técnica exigia que os operadores criassem alternativas para contornar as situações, inclusive de comicidade e de tragédia. As dificuldades iniciais faziam com que muitas das programações não fossem cumpridas, o que motivava ligações e insultos da população.

Se não tinha o que mostrar, jogavam no ar um filme já visto ou a reprise de algum capítulo de novela, e o público em casa que engolisse [...] Sem contar que o horário da programação nem sempre era respeitado. Muita gente esperava mais de duas horas para ver um programa que tinha sido prometido. Era anunciado um filme, ele não era apresentado; anunciado um show, o evento não ia para o ar. Muitas vezes, avisava-se: a televisão vai começar suas atividades às 18 horas, duas horas depois, eram iniciadas. O povo ficava com a expectativa frustrada, mas era a única emissora da terrinha do acarajé. (ARAGÃO, MENEZES E SANTOS, 2006, p.57-58).

Os funcionários da Itapoan costumavam reagir aos telefonemas dizendo ironicamente às pessoas que mudassem de canal (TV ITAPOAN: PRESENÇA DIÁRIA, 1975, p. 01).

Para sanar algumas das dificuldades técnicas, uma equipe de profissionais da TV Tupi do Rio de Janeiro veio a Salvador fornecer treinamento. “A experiência que se tinha na Bahia, como programas ao vivo, era com o rádio, mas não era o suficiente. Iluminador, cenógrafo, repórter de TV, apresentador, assistente de estúdio, cinegrafista, editor de imagem, tudo dependia de um direcio-

9 Ivan Pedro Santangelli começou sua trajetória no rádio, em 1955, passando pelas rádios Cultura e Sociedade, além do jornal Diário de Notícias. Na TV Itapoan “[...] ajudou a adaptar as técnicas do rádio para a emissora, na época em que os recursos eram escassos, e acompanhou o desenvolvimento da televisão baiana ao longo dos seus quarenta anos” (ARAGÃO, MENEZES E SANTOS, 2006, p.117). Trabalhou como editor de esportes da TV Bahia desde 1985 até os primeiros anos do século XXI.

namento muito particular” (ARAGÃO, MENEZES E SANTOS, 2006, p.52).

A situação só se alterou quando a TV Aratu, retransmissora da TV Globo, na época, entrou no ar em 15 de março de 1969, na gestão do governador Luís Viana Filho. A emissora é fruto de um processo de expansão das telecomunicações no Brasil que iniciou com o governo civil-militar de 1964, que implantou uma política de valorização dos meios de comunicação, especialmente da televisão, como questão de segurança nacional, o que resultou em investimentos para ampliação das transmissões, porém maior controle do conteúdo produzido (PIERANTI, 2007).

Formada em grande parte por uma equipe qualificada e experiente, a TV Aratu começou a sua transmissão sem as gafes da pioneira. A esse fator, é atribuído o sucesso que ela alcançou rapidamente, caindo nas graças dos baianos (TV ITAPOAN: PRESENÇA DIÁRIA, 1975, p. 01.), conforme relata Antônio Sampaio¹⁰:

O telespectador tinha sido muito maltratado desde a inauguração da TV Itapoan. [...] E a televisão Aratu estava justamente com o talento de David Raw, e foi montada no sentido de que o horário tinha que ser respeitado e tinha que se fazer a televisão para que o povo visse (SAMPAIO, 2006).

A Aratu, canal 4, começa a sua história na Bahia com o lançamento de novas técnicas, como a transmissão a cores e o firme compromisso de cumprir os horários apresentados ao telespectador. David Raw, amigo do comunicador Chacrinha, fora contratado pela sua experiência no sudeste para assumir a direção de programação e direção comercial da emissora. Para dar um caráter local à programação, Raw passou a investir na cobertura minuciosa dos problemas da cidade, gerando identificação com o público.

No Largo do Guarani, por exemplo, todo dia, a sociedade se aborrecia com um poste que ficava no meio da praça, atrapalhando o tráfego. Não adiantava reclamar, que as autoridades responsáveis não

tomavam atitude. A TV resolveu fazer uma matéria sobre o aniversário do poste. [...] No outro dia, a Coelba [Companhia de Eletricidade do Estado da Bahia] tirou o poste. (ARAGÃO, MENEZES E SANTOS, 2006, p.62)

Essa inovação vai marcar os anos seguintes, principalmente com o incêndio da Itapoan, no dia 07 de julho de 1975. O inquérito aberto na 7ª Delegacia concluiu que a causa do acidente foi um curto-circuito em um dos aparelhos, destruindo quase totalmente os equipamentos e arquivos da emissora pioneira da televisão no Estado.

A parte cultural foi mesmo a mais sentida por todos os telespectadores, fossem eles crianças ou velhos. Pessoas de diversas idades caminhavam até os estúdios da emissora, que, durante anos, serviu como principal meio de lazer para eles. A meninada sentia falta das travessuras do palhaço Chocolate, enquanto as adolescentes lamentavam a falta da transmissão da novela das 19 horas, *Meu Rico Português*, com recordes de audiência. (ARAGÃO, MENEZES E SANTOS, 2006, p.66)

Pouco mais de um ano depois, a TV Itapoan voltou à ativa com mais qualidade e investimento. “O montante investido na época passou de 20 milhões de cruzeiros – o equivalente a 14 milhões de reais – em modernos equipamentos vindos da Alemanha, Japão e Estados Unidos” (ARAGÃO, MENEZES E SANTOS, 2006, p.69). As atividades recomeçaram, ainda em fase experimental, no dia 1º de agosto de 1976, com transmissões das 14h às 24 horas.

Com a decadência do grupo Tupi, nos anos 1980, e a compra da emissora Itapoan pelo político Pedro Irujo, o processo de modernização é acelerado com modernos equipamentos e abertura de espaço para novos talentos. As décadas posteriores são marcadas também pela qualificação profissional dos funcionários, com a oferta de cursos de formação específica na área da Comunicação. O percurso feito até então, porém, revela que essa história ainda tem muito há ser desvendada.

10 Antônio Sampaio ingressou na TV Aratu em 1968, meses antes da sua estreia, participando de cursos preparatórios de dicção e câmera. Na emissora, assumiu a chefia de jornalismo até 1977. Só retornou à televisão em 1990, comandando a equipe de jornalismo da TV Educativa da Bahia na qual permaneceu até 2006 (cf. ARAGÃO, MENEZES E SANTOS, 2006, p.114).

Referências

- AGUIAR, Francisco. [Salvador, 11 de agosto] Entrevista concedida a Joana Maltez, Juliana Menezes e Lourivânia Soares. Salvador: Tribuna da Bahia, 2006. Fita cassete (1'30").
- ANÚNCIOS do *Diário de Notícias*, Salvador, nov. 1960.
- ARAGÃO, Joana; MENEZES, Juliana; SANTOS, Lourivânia. *A Caixa Mágica – Um resgate da História da TV em Salvador*. Salvador: Faculdade Social da Bahia/ Curso de Jornalismo, 2006.
- ARAGÃO, Rita. *O Contexto de Gestão da Universidade da Bahia*. In: RUBIM, Antonio Albino Canelas (org.). *A ousadia da criação – Universidade e Cultura*. Salvador: Ufba / Facom, 1999, p. 35-63.
- CARVALHO, Ana Lúcia Barreto. *A tv ao vivo: uma história baiana*. Projeto Experimental. FACOM/UFBA, 1989.
- CASTRO, José de. *PR-4 entra no ar em 1924 saudada como uma façanha*. *A Tarde*, Salvador, 15 jul. 2002. p. 06.
- FARIA, Vilmar E. Divisão inter-regional do trabalho e pobreza urbana: o caso de Salvador. In: SOUZA, Guaráci Adeodato A. de; FARIA, Vilmar. (Orgs.) *Bahia de Todos os Pobres*. Petrópolis: Vozes; CEBRAP, 1980. p. 23-40.
- IBGE – Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. *Estatísticas do Século XX*. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/seculoxx/estatisticas_populacionais.shtm>. Acessado em: 10 jan.2009.
- LIBÓRIO, Carlos. Depoimento [31 de agosto de 2006] Entrevista concedida a Joana Maltez, Juliana Menezes e Lourivânia Soares. Salvador: Tv Bahia, 2006. MP3 (1'21").
- O BRASIL inteiro saudou o nascimento do canal 5. *Diário de Notícias*. 09 de julho de 1975. Pg. 3.
- O PRÓPRIO povo constituirá o patrimônio de sua televisão. *Estado da Bahia*, Salvador, 18 out. 1956, p. 8.
- PIERANTI, Octavio Penna. *Políticas públicas para radiodifusão e imprensa: ação e omissão do Estado no Brasil pós-1964*. Rio de Janeiro : Editora FGV, 2007.
- RANDAM, José Jorge. Depoimento [Salvador, 26 de julho de 2006] Entrevista concedida a Juliana Menezes e Lourivânia Soares. Salvador, Randam Comunicação, 2006. Fita Cassete (1' 30").
- RIBEIRO, Lavina Madeira. *Imprensa e Espaço Público – A Institucionalização do Jornalismo no Brasil – 1808-964*. Rio de Janeiro: E-Papers, 2004.
- SAMPAIO, Antônio. Depoimento [Salvador, 26 de julho de 2006] Entrevista concedida Joana Maltez, Juliana Menezes e Lourivânia Soares. Salvador: Residência do entrevistado, 2006. MP3 (1' 17").
- SANTANGELLI, Ivan Pedro. Depoimento [Salvador, 01 de setembro de 2006] Entrevista concedida a Lourivânia Soares. Salvador: TV Bahia, 2006. MP3 (1'10").
- SANTIAGO, Carlos. Depoimento [Salvador, 07 de setembro de 2006] Entrevista concedida a Joana Maltez, Juliana Menezes e Lourivânia Soares. Salvador: Residência do entrevistado, 2006. MP3 (1' 17").
- SPANNENBERG, Ana C.M. *Entre mudanças e permanências – Itinerário do papel social dos jornais diários soteropolitanos no Século XX a partir da análise das coberturas eleitorais do jornal A Tarde em 1919, 1954 e 1990*. 2009. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Salvador : FFCH/UFBA.
- TV ITAPOAN: presença diária. *Diário de Notícias*, 08 de julho de 1975.
- Recebido: 29/03/2012
Aprovado: 12/04/2012